

# TIMOTHY KELLER

AUTOR BEST-SELLER DO *NEW YORK TIMES*

# ENCONTROS COM **JESUS**

RESPOSTAS  
INUSITADAS AOS MAIORES  
QUESTIONAMENTOS  
DA VIDA

  
VIDA NOVA



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Keller, Timothy

Encontros com Jesus : respostas inusitadas aos maiores questionamentos da vida / Timothy Keller ; tradução de Eulália Pacheco Kregness. - São Paulo: Vida Nova, 2015.  
ePub

ISBN 978-85-275-0745-5 (recurso eletrônico)

Título original: *Encounters with Jesus: unexpected answers to life's biggest questions*

1. Jesus Cristo - Ensinaamentos I. Título II. Bravo, Jurandy

15-0375

CDD 232.95

Índices para catálogo sistemático:

1. Jesus Cristo - Vida pública

# TIMOTHY KELLER

AUTOR BEST-SELLER DO *NEW YORK TIMES*

# ENCONTROS COM **JESUS**

RESPOSTAS  
INUSITADAS AOS MAIORES  
QUESTIONAMENTOS  
DA VIDA

Tradução  
Jurandy Bravo

  
VIDA NOVA

©2013, de Timothy Keller

Título do original: *Encounters with Jesus: unexpected answers to life's biggest questions*,  
edição publicada pela DUTTON (Nova York, NY, EUA).

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por

SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA

Caixa Postal 21266, São Paulo, SP, 04602-970

[vidanova.com.br](http://vidanova.com.br) | [vidanova@vidanova.com.br](mailto:vidanova@vidanova.com.br)

1.ª edição: 2015

Proibida a reprodução por quaisquer meios,  
salvo em citações breves, com indicação da fonte.

Todas as citações bíblicas foram extraídas da Almeida Século 21 (A21), salvo indicação  
em contrário.

---

GERÊNCIA EDITORIAL

Fabiano Silveira Medeiros

EDIÇÃO DE TEXTO

Rosa M. Ferreira

REVISÃO DE PROVAS

Rosana Brandão

REVISÃO DA TRADUÇÃO E PREPARAÇÃO DE TEXTO

Marcia B. Medeiros

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Sérgio Siqueira Moura

DIAGRAMAÇÃO

Sandra Reis Oliveira

DIAGRAMAÇÃO PARA E-BOOK

Yuri Freire

CAPA

Souto Crescimento de Marca

---

*Aos pastores e às equipes dos ministérios universitários que me conduziram à fé e que alimentaram a fé de meus filhos e suas esposas, em particular aos que trabalham na Reformed University Fellowship, nos Estados Unidos, e na Universities and Colleges Christian Fellowship, sucessora da Inter-Varsity Fellowship, no Reino Unido.*

# SUMÁRIO

Agradecimentos

Introdução

UM O estudante cético

DOIS O prestigiado e a marginalizada

TRÊS As irmãs enlutadas

QUATRO A festa de casamento

CINCO O primeiro cristão

SEIS O grande inimigo

SETE Os dois advogados

OITO O mestre obediente

NOVE À direita do Pai

DEZ A coragem de Maria

## AGRADECIMENTOS

**Q**uero agradecer a Jon Drake e aos muitos líderes estudantis da Oxford Inter-Collegiate Christian Union, organização que graciosamente me convidou para palestrar sobre cristianismo no Oxford Town Hall, no começo de fevereiro de 2012. Naquela semana, os estudantes cristãos das faculdades da Universidade de Oxford acolheram a mim e a minha família — Kathy, minha esposa, e Michael e Sara, filho e nora — como parceiros deles no compartilhamento da fé e da vida com amigos e colegas. Toda noite, após duas horas intensas falando a estudantes em grupo e individualmente, minha família retornava (às vezes no meio da neve) pelo centro de Oxford e conversava sobre o dia em frente a uma enorme lareira do século 17. Eu sempre ia dormir com os sentimentos de impotência e de alegria ao mesmo tempo. Os cinco primeiros capítulos deste livro são baseados nessas palestras vespertinas.

Quero agradecer também a Mark Campisano, que, por vários anos e com grande sacrifício pessoal, patrocinou e manteve um café da manhã para homens de negócio no Harvard Club, em Manhattan. Participei como palestrante durante anos. A venerável sala revestida com painéis de madeira costumava ficar cheia ou mesmo superlotada e, mês após mês, ao longo de dezoito anos, Mark e outros ao seu redor procuraram apresentar o cristianismo em um ambiente familiar aos colegas de negócios do centro da cidade. No decorrer dos anos, muitos assuntos foram tratados, mas houve

um ano em que apresentei uma série de palestras sobre a pessoa e a obra de Jesus, e os últimos cinco capítulos deste livro são baseados nessas mensagens.

Por fim, esse material jamais poderia ter recebido forma escrita sem os extensos e habilidosos trabalhos do meu colega de ministério da Redeemer City to City Scott Kauffmann. Scott ama as palavras, ama a teologia e gosta de imaginar o rosto espantado das pessoas quando o maravilhamento do evangelho raia sobre elas. Isso faz dele um grande editor e parceiro neste trabalho: o ministério da Palavra por meio da literatura. Obrigado, Scott.



# INTRODUÇÃO

**F**ui criado em uma igreja protestante histórica, mas na faculdade passei por crises espirituais e pessoais que me levaram a questionar minhas crenças mais fundamentais sobre Deus, sobre o mundo e sobre mim mesmo.

Na época, eu me aproximei de alguns cristãos engajados em estudos bíblicos em grupos pequenos. Nesses grupos, o líder não assumia o papel de professor ou instrutor; em vez disso, atuava como facilitador da leitura e da interpretação em grupo da passagem bíblica selecionada. As regras básicas eram simples, mas cruciais para a integridade do exercício. Tínhamos de dar à Bíblia o benefício da dúvida: o texto tinha de ser considerado confiável, e seus autores, competentes. Ninguém poderia impor sua interpretação à passagem do texto; tínhamos de chegar a conclusões como grupo. Buscávamos extrair as riquezas do material como comunidade, presumindo que juntos enxergaríamos muito mais do que seria possível a um indivíduo.

Antes que eu mesmo tivesse certeza da condição em que minha fé se encontrava, fui convidado a liderar um grupo. Recebi então um conjunto de estudos bíblicos intitulados *Conversations with Jesus Christ from the Gospel of John* [Conversas com Jesus Cristo a partir do Evangelho de João], de Marilyn Kunz e Catherine Schell. Eles abordavam treze passagens do livro de João em que Jesus conversava com alguém. Os estudos ajudaram meu grupo a descobrir camadas de significado e perspectivas que nos deixaram atônitos. Ao

percorrer esses relatos da vida de Jesus, comecei a sentir, mais do que nunca, que a Bíblia não era um livro comum. Sim, ela continha a estranha beleza literária do passado distante; no entanto, havia algo mais. Por meio desses estudos dos encontros com Jesus comecei a perceber uma vida e um poder inexplicáveis no texto. Esses diálogos ocorridos séculos antes eram misteriosamente relevantes e incisivos *para mim — hoje*. Passei a examinar as Escrituras não só pelo estímulo intelectual, mas a fim de encontrar Deus.

Aprendi que paciência e ponderação são chaves para a perspectiva. Certa ocasião, fui a uma conferência para líderes de estudos bíblicos. Jamais esquecerei um dos exercícios. A instrutora nos deu um versículo, Marcos 1.17: “Disse-lhes Jesus: Vinde a mim, e eu vos tornarei pescadores de homens”. Pediu-nos que passássemos trinta minutos estudando o versículo (extraído, como não podia deixar de ser, de um encontro com Jesus). Advertiu-nos que, após cinco ou dez minutos, pensaríamos ter visto tudo o que havia para ver, mas desafiou-nos a continuar. “Anotem pelo menos trinta coisas que encontrarem no versículo ou aprenderem com ele.” Dez minutos depois eu já tinha concluído o exercício (pelo menos foi o que pensei) e estava entediado. Mas insisti, obediente, e continuei procurando. Para minha surpresa, havia mais. Quando retomou a aula, a instrutora pediu que consultássemos nossa lista e circulássemos a descoberta mais pungente, comovente e útil no nível pessoal. Em seguida, fez-nos uma pergunta: “Quantos aqui fizeram sua melhor descoberta nos cinco primeiros minutos? Levantem a mão”. Ninguém. “Quantos, depois de dez minutos?”. Uma ou duas mãos. “Quinze?” Mais mãos. “Vinte?” Um número maior ergueu as mãos nesse instante. “Vinte e cinco?” Muitos de nós levantaram as mãos dessa vez, sorrindo e balançando a cabeça.

Essas experiências iniciais com o estudo paciente e indutivo do texto bíblico mudaram minha vida espiritual. Descobri que, se investisse tempo e assumisse a atitude adequada de abertura e confiança, Deus falaria comigo por meio de sua Palavra. Elas também me direcionaram ao rumo certo de minha vocação, dando-

me ferramentas para ajudar as pessoas a ouvir a Palavra de Deus por meio da Bíblia. Há quase quarenta anos ensino e prego a Bíblia, mas a base de cada conversa, palestra ou sermão sempre tem sido o que aprendi na faculdade sobre como estudar o texto com paciência e sondar-lhe as profundezas.

Ainda aceito a autoridade de toda a Bíblia e amo aprender e ensinar a partir dela como um todo. Mas foi nos Evangelhos que senti pela primeira vez sobre os ombros o peso da autoridade espiritual da Bíblia, especialmente nas conversas de Jesus com pessoas: com Natanael, o estudante cético, com sua mãe desconcertada na festa de casamento, com o professor de religião que o procurou de noite, com a mulher junto ao poço, com Maria e Marta, as irmãs enlutadas, e com muitos outros.

Acredito poder dizer que muitos dos meus próprios encontros com Jesus, responsáveis por minha formação, aconteceram pelo estudo de seus encontros com pessoas nos Evangelhos.

VÁRIOS ANOS ATRÁS, escrevi um livro chamado *The reason for God: belief in an age of skepticism*.<sup>1</sup> Atuando como pastor na cidade de Nova York durante muitos anos, sempre gostei dos argumentos dos céticos e do papel inestimável por eles desempenhado ao definir e esclarecer o que o cristianismo tem de singular. Fico incomodado quando os cristãos rejeitam essas questões com um discurso superficial ou numa atitude de superioridade. Lembro-me com bastante clareza das dúvidas e proposições que apresentei àqueles grupos de estudo bíblico da faculdade e de como me sentia grato por levarem a sério meus questionamentos. Vejo que dedicar tempo e esforço para responder às questões difíceis dá aos que creem a oportunidade de aprofundar a própria fé, criando ao mesmo tempo a possibilidade de que pessoas indecisas se abram para a alegria do cristianismo.

Por isso fiquei muito feliz ao ser convidado para falar por cinco noites a estudantes — céticos, na maioria — no Oxford Town Hall, em Oxford, na Inglaterra, em 2012. Combinamos que eu analisaria

encontros entre determinadas pessoas e Jesus registrados no Evangelho de João. Senti que era uma boa escolha para aquele ambiente, pois os relatos desses encontros revelam os ensinamentos centrais e a personalidade de Jesus de modo particularmente atraente, como eu havia descoberto por mim mesmo tantos anos atrás. Enquanto me preparava para as palestras, ocorreu-me que os encontros vinham a calhar também por outro motivo. Em diversos deles, Jesus trata das grandes questões universais sobre o “sentido da vida”: “Para que serve o mundo? O que há de errado com ele? O que pode endireitá-lo (se é que algo é capaz disso) e como? De que maneira podemos participar do processo de consertar o mundo? E, antes de mais nada, onde deveríamos procurar as respostas para esses questionamentos?” Eram essas as grandes perguntas que todo o mundo deveria fazer e que os cétricos sinceros gostam em especial de explorar.

Todas as pessoas têm uma teoria em operação sobre a resposta a essas questões. Se tentar viver sem elas, você logo será esmagado pela falta de sentido da vida. Vivemos num tempo em que alguns insistem na ideia de que não necessitamos de nenhuma dessas respostas; deveríamos reconhecer que a vida é só um amontoado de afazeres sem sentido no grande esquema do universo e ponto-final. Enquanto viver, dizem, procure apenas se divertir tanto quanto puder e, quando morrer, você não estará mesmo por aqui para se preocupar com isso. Então por que se dar ao trabalho de tentar encontrar o sentido da vida?

No entanto, o filósofo francês Luc Ferry (que, aliás, de modo algum é cristão), em seu livro *A brief history of thought* [Uma breve história do pensamento], considera tais declarações “cruéis demais para ser sinceras”. Ou seja, quem as profere não pode crer nelas de coração. As pessoas não conseguem viver sem nenhuma esperança e propósito ou sem a convicção de que em nossa vida determinadas coisas são mais dignas do que outras. Logo, sabemos que precisamos, *sim*, ter as respostas sobre esses grandes questionamentos, como Ferry coloca, “para vivermos bem e, por

consequente, com liberdade, capazes de experimentar alegria, generosidade e amor”.

Ferry prossegue argumentando que quase todas as nossas respostas possíveis aos grandes problemas filosóficos vêm de cinco ou seis sistemas de pensamento mais importantes. Hoje em dia, portanto, muitas das respostas mais comuns vêm de um sistema em particular. Por exemplo, você acha que em geral é uma boa ideia ser gentil com seus inimigos e estender-lhes a mão em vez de matá-los? Ferry afirma que essa ideia — de que devemos amar os inimigos — vem do cristianismo e de nenhuma outra fonte. Como veremos, há muitas outras ideias que consideramos válidas, nobres ou mesmo belas e que são provenientes exclusivamente do cristianismo.

Portanto, se quiser ter certeza de que está desenvolvendo respostas sadias e ponderadas aos questionamentos mais profundos, você precisa no mínimo se familiarizar com os ensinamentos do cristianismo. A melhor maneira de fazer isso é ver como Jesus falava de si próprio e de seus propósitos às pessoas que encontrava e como a vida delas foi transformada pelas respostas dele aos questionamentos que tinham. Essa foi a premissa das conversas em Oxford, que se tornaram a base para os primeiros cinco capítulos deste livro.

No entanto, tive de ir adiante, pois, depois de estudar os relatos dos encontros transformadores com o Jesus que encarnou, tendo contemplado a beleza de seu caráter e de seu propósito e tendo ouvido suas respostas às grandes indagações, ainda resta outra dúvida: como *eu* posso encontrar Jesus tantos séculos depois? Posso ser transformado como aquelas testemunhas oculares?

O evangelho cristão ensina que somos salvos — transformados para sempre — não por nossos atos, nem mesmo pelo que Jesus diz a quem encontra, mas pelo que ele fez por nós. Assim, o melhor modo de descobrirmos a graça e o poder transformadores de Jesus é olhando para o que ele realizou nos principais acontecimentos da sua vida: no nascimento, no sofrimento no deserto e no jardim do Getsêmani, nas últimas horas com os discípulos, na morte na cruz e

na ressurreição e ascensão. É por meio de seus atos nesses momentos que Jesus conquista, em nosso lugar, uma salvação que jamais conseguiríamos conquistar. Enxergar isso pode levá-lo da familiaridade com Jesus como mestre e figura histórica a um encontro transformador de vida com ele como redentor e salvador.

Por isso, a segunda metade do livro se voltará para alguns desses acontecimentos essenciais da vida de Jesus. A base para esses capítulos é uma série de palestras que apresentei no Harvard Club da cidade de Nova York, onde falei em cafés da manhã regulares a líderes culturais, de negócios e do governo ao longo de vários anos. Como nas palestras em Oxford, muitos dos presentes eram pessoas talentosas, com elevado grau de formação, que muito colaboraram compartilhando dúvidas e questionamentos comigo. Em ambos os conjuntos de palestras, retornei — como tenho feito em décadas — a esses textos do Evangelho em que senti pela primeira vez o caráter vivo e eficaz (Hb 4.12) das Escrituras. Como minha instrutora ensinou, cada vez que fazia isso eu descobria mais e mais nessas passagens, e cada vez mais meu entusiasmo em compartilhar o que havia aprendido aumentava.

Há ainda outra razão que explica meu desejo de escrever este livro. Quando minha neta Lucy tinha dezoito meses, era evidente que ela conseguia perceber muito mais do que conseguia expressar. Ela apontava para algo ou pegava alguma coisa e então olhava para mim em profunda frustração. Queria comunicar algo, mas era pequena demais para isso. Todas as pessoas sentem esse tipo de frustração em vários momentos ao longo da vida. Você experimenta algo profundo, mas depois desce do topo da montanha, ou deixa a sala de concerto, ou sai de onde quer que estivesse e tenta transmitir o que experimentou para alguém. Mas suas palavras não conseguem nem de leve fazer jus à experiência.

Com certeza todos os cristãos se sentem assim quando querem descrever as próprias experiências com Deus. Como professor e pregador, é meu trabalho e maior desejo ajudar as pessoas a enxergar a absoluta beleza de quem Cristo é e do que ele fez. Mas a

impossibilidade de minhas palavras (talvez de quaisquer palavras) transmitirem a plenitude dessa beleza é fonte de frustração e tristeza constantes para mim. Contudo, não há nada no mundo que nos ajude mais nesse projeto difícil do que os relatos contidos nos Evangelhos a respeito dos encontros de Jesus com as pessoas.

Espero que, sendo esse seu primeiro contato com os relatos, sendo o centésimo, você seja impactado novamente pela pessoa de Cristo e por tudo que ele tem feito em nosso favor.

<sup>1</sup>Edição em português: *A fé na era do ceticismo: como a razão explica Deus* (São Paulo: Vida Nova, 2015).



## O ESTUDANTE CÉTICO

O primeiro encontro que quero examinar é sutil mas poderoso, e aconteceu com um estudante cético. Talvez trate do mais fundamental de todos os grandes questionamentos da vida: onde procurar as respostas para os grandes questionamentos da vida? E onde *não* procurá-las? Portanto, fala aos céticos acerca do cristianismo, bem como aos cristãos que enfrentam o ceticismo dos que não creem.

O encontro acontece logo após o chamado Prólogo, no começo do livro de João. Luc Ferry, filósofo francês, observa que esse prólogo foi um dos pontos decisivos da história do pensamento. Os gregos acreditavam que o universo obedecia a uma ordem racional e moral, e a essa “ordem da natureza” denominavam Logos. Para eles, o sentido da vida era contemplar e discernir essa ordem no mundo. Definiam a vida bem vivida como aquela que se conformava a essa ideia. João, autor do Evangelho, deliberadamente toma emprestado o termo filosófico grego Logos e diz o seguinte sobre Jesus:

No princípio era o Verbo (*Logos*), e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e, sem ele, nada do que foi feito existiria. A vida estava nele e era a luz dos homens [...]. E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, pleno de graça e de verdade; e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai (Jo 1.1-4,14).

A declaração caiu como um raio sobre o mundo dos filósofos da Antiguidade. Como os filósofos gregos e diferentemente de outros tantos contemporâneos, João afirma haver um *telos*, ou propósito, em nossa vida, algo para o que fomos feitos, que devemos reconhecer e honrar a fim de vivermos bem e com liberdade. Proclama que o mundo não é simplesmente o produto de forças cegas, aleatórias; sua história não é “um conto narrado por um idiota, cheio de som e fúria, sem sentido nenhum”.<sup>1</sup> Em vez disso, a Bíblia insiste ainda em que o sentido da vida não é um princípio ou algum tipo de estrutura racional abstrata, mas uma *pessoa*, um ser humano individual que caminhou sobre a terra. Tal afirmação, Ferry observa, soou aos filósofos como uma “insanidade”. Mas levou a uma revolução. Se o cristianismo era verdadeiro, a vida bem vivida não se encontrava fundamentalmente na contemplação filosófica e nas buscas intelectuais, o que deixaria de fora a maior parte das pessoas do mundo. Estava, sim, em uma pessoa passível de ser conhecida em um relacionamento acessível a qualquer pessoa, em qualquer lugar, de qualquer formação.

Para demonstrar de imediato como isso funciona na vida real, João expõe o lado concreto da sua proposição, mostrando a interação de Jesus com um grupo de estudantes. Na época não havia universidades; se quisesse estudar, você se unia a um mestre. Havia muitos mestres espirituais, e muitos os seguiam e se tornavam seus alunos ou discípulos. Talvez o mestre mais ousado e *avant-garde* da época fosse João Batista. Bastante popular, tinha muitos seguidores e alunos dedicados. A história registra alguns deles: André, cujo irmão se chamava Pedro, e Filipe, que levou consigo o amigo Natanael. Alguns dos alunos já acreditavam no que seu mestre vinha dizendo sobre o Messias que viria, aquele a quem João chamou de “Cordeiro de Deus” (Jo 1.29). Mas outros se mostravam céticos. Natanael era um desses estudantes céticos, até a ocasião do seu encontro com Jesus Cristo:

No dia seguinte, Jesus decidiu ir para a Galileia e, encontrando Filipe, disse-lhe: Segue-me. Filipe era de Betsaida, cidade de André e Pedro. Filipe encontrou Natanael e disse-lhe: Achamos aquele de quem Moisés escreveu na Lei, sobre quem os profetas também escreveram: Jesus de Nazaré, filho de José. E Natanael perguntou-lhe: Pode vir alguma coisa boa de Nazaré? Disse-lhe Filipe: Vem e vê. Vendo Natanael aproximar-se, Jesus referiu-se a ele, dizendo: Este é um verdadeiro israelita, em quem não há fingimento! E Natanael perguntou-lhe: De onde me conheces? Respondeu-lhe Jesus: Antes que Filipe te chamasse, eu te vi, quando estavas debaixo da figueira. Natanael respondeu: Rabi, tu és o Filho de Deus, tu és o rei de Israel. Ao que lhe disse Jesus: Crês porque te disse que te vi debaixo da figueira? Pois verás coisas maiores do que essa. E acrescentou: Em verdade, em verdade vos digo que vereis o céu aberto, e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do homem (Jo 1.43-51).

Primeiro, quero chamar sua atenção para o problema de Natanael. Ele no mínimo é um esnobe intelectual, talvez até um sectário. Filipe o procura e diz:

— Quero que você conheça um novo rabino. Ele tem respostas para os grandes questionamentos da nossa época e vem de Nazaré.

Natanael debocha:

— Nazaré!?

Em Jerusalém, todos menosprezavam os galileus. Esse tipo de atitude é característico da raça humana. Algumas regiões costumam menosprezar outras regiões dizendo que ficam “no lado ruim da cidade”. Como o menosprezado lida com isso? Procurando outros a quem possa menosprezar. E assim sucessivamente. Embora Natanael não fosse de Jerusalém, mas de determinada região da Galileia, sentia-se no direito de menosprezar um lugar como Nazaré, localizada em uma região da Galileia considerada ainda mais atrasada e primitiva. Sempre existem as pessoas certas, as pessoas adequadas, as pessoas inteligentes e (abaixando o tom de voz) *as outras*. O modo de mostrar às pessoas certas, inteligentes e

adequadas que você é igual a elas é revirando os olhos quando as pessoas e os lugares errados são mencionados.

Queremos ser considerados capazes e inteligentes, e sempre buscamos estabelecer essa identidade não por meio de uma argumentação respeitável e atenta, mas por meio da ridicularização e do desdém. As pessoas não estão apenas equivocadas nesse sentido, mas fora de sintonia, em constante retrocesso, nanicos intelectuais. Natanael não podia acreditar que alguém de um lugar como Nazaré tivesse as respostas para os grandes questionamentos do nosso tempo. “Está me dizendo que ele tem as respostas e é de Nazaré? Hum, acho impossível.” Seus olhos reviram. “Ele vem de *lá? Mesmo?*”

Se essa é sua visão do cristianismo ou se conhece alguém que pense assim, isso não surpreende. Hoje em dia, muitos veem o cristianismo como Natanael via Nazaré. O cristianismo era de Nazaré na época e continua sendo hoje. As pessoas adoram revirar os olhos ante a ideia do cristianismo e suas afirmações acerca de quem é Cristo, do que ele tem feito e do que pode fazer em seu favor. Gente perspicaz e adequada diz: “Ah, o cristianismo. Sei bem como é. Fui criado dentro dele, percebi muito cedo que não era para mim e já tenho minha opinião formada”. Portanto, Jesus continua sendo de Nazaré.

Se é essa sua atitude para com o cristianismo, tenho duas recomendações a lhe dar, pois acho que você tem dois problemas pela frente. O primeiro deles: esse tipo de rejeição é sempre mortal. Aniquila por completo toda criatividade e solução de problemas, para não falar de qualquer esperança de relacionamento. Tara Parker-Pope, em seu livro sobre casamento chamado *For better*,<sup>2</sup> cita o hábito de revirar os olhos como um dos sinais de advertência definitivos de que um relacionamento enfrenta sérios problemas. Terapeutas matrimoniais se mantêm atentos para detectá-lo por indicar desprezo pelo outro. Um casamento bem-sucedido consegue lidar com a decepção, a discordância, a dor e a frustração. Mas não é capaz de lidar com a rejeição completa do outro. O desprezo

literalmente mata qualquer relacionamento. Um exemplo mais concreto é aquele em que você perde as chaves. Depois de procurá-las em todos os lugares em que “podem” estar e não encontrá-las, terá de começar a procurar nos lugares em que “não podem” estar. E, claro, é onde as encontrará. Portanto, nada é mais fatal para a sabedoria e os bons relacionamentos do que rejeitar determinadas ideias — ou pessoas — por inteiro.

Seu segundo problema é mais substancial. Desprezando o cristianismo, você decepa a principal raiz viva dos conceitos que provavelmente são grande parte de seus valores essenciais. Como observamos, o cristianismo deu origem a uma das ideias fundamentais da civilização pacífica, de que você deveria amar seus inimigos, não matá-los. Outra ideia fundamental para nossa consciência contemporânea, como salienta Luc Ferry, é o conceito de que cada ser humano, independentemente do talento, da riqueza, da raça ou do gênero, é feito à imagem pessoal de Deus e, portanto, tem dignidade e direitos. Ferry sustenta que, sem o ensino do cristianismo de que o *Logos* é uma pessoa, “a filosofia dos direitos humanos que subscrevemos hoje jamais teria se estabelecido”.

Outra visão proveniente da Bíblia, hoje considerada incontestável, é a de que se deve cuidar dos pobres. Na Europa pré-cristã, quando os monges difundiam o cristianismo, todas as elites consideraram loucura a ideia de amar os inimigos e cuidar dos pobres. Diziam que a sociedade ruiria, pois não é assim que o mundo funciona. Prevaecem os talentosos e fortes. O vencedor leva tudo. O forte caça o fraco. Os pobres nascem para sofrer. Não foi assim que tudo sempre funcionou? Mas os ensinamentos do cristianismo revolucionaram a Europa pagã, dando ênfase à dignidade da pessoa, à primazia do amor, inclusive pelos inimigos, e ao cuidado dos pobres e dos órfãos.

Você pode dizer: “Bem, é um argumento histórico interessante que essas ideias sejam provenientes da Bíblia e da igreja. No entanto, posso acreditar nelas sem crer no cristianismo”. Até certo

ponto, isso pode ser verdade. Mas gostaria que você percebesse quanto essa visão é limitada.

O livro de Gênesis serve de janela para mostrar como eram as culturas antes da revelação da Bíblia. Uma coisa que vemos desde o início é a prática bastante difundida da primogenitura: o filho mais velho herdava toda a riqueza, assegurando assim que a família mantivesse o *status* e a posição na sociedade. De modo que o segundo ou o terceiro filho não recebiam nada ou ficavam com bem pouco. No entanto, em toda a Bíblia, quando Deus escolhe alguém por meio de quem atuar, sempre prefere o irmão mais novo. Preferiu Abel a Caim, Isaque a Ismael. Jacó a Esaú, Davi a todos os *onze* irmãos mais velhos. Repetidamente ele escolhe não o mais velho, não aquele que o mundo espera e recompensa. Nunca o de Jerusalém, por assim dizer, mas sempre o de Nazaré.

Outra tradição cultural da antiguidade revelada em Gênesis: naquelas sociedades, mulheres com muitos filhos eram exaltadas como heroínas. Ter muitos filhos significava sucesso econômico, militar e, claro, que a probabilidade de perpetuar o nome da família estava garantida. Por isso as mulheres que não podiam ter filhos eram humilhadas e estigmatizadas. Contudo, ao longo de toda a Bíblia, quando Deus nos mostra como opera por meio das mulheres, escolhe aquelas que não podem ter filhos e abre-lhes a madre. São mulheres desprezadas, mas Deus as prefere às amadas e abençoadas aos olhos do mundo. Ele escolhe Sara, esposa de Abraão; Rebeca, esposa de Isaque; a mãe de Samuel, Ana; a mãe de João, Isabel. Deus sempre opera por meio de homens ou meninos indesejados, por meio de mulheres ou meninas indesejadas.

Você talvez esteja pensando como é agradável e edificante essa parte do cristianismo: Deus ama os desfavorecidos. Pode ser que diga: “Consigo concordar com essa parte da Bíblia. Mas todas as outras partes sobre a ira de Deus, o sangue de Cristo e a ressurreição do corpo eu não aceito”. Acontece que essas partes da Bíblia — as partes desafiadoras e sobrenaturais — são centrais, não periféricas. O coração da mensagem singular da Bíblia é que o Deus

transcendente e imortal veio em pessoa à terra e tornou-se frágil, vulnerável ao sofrimento e à morte. Ele fez tudo isso por nós, para expiar nosso pecado, para levar o castigo que merecemos. Se for verdade, esse é o ato mais extraordinário e radical de abnegação e sacrifício de amor imaginável. Não poderia haver base e motivação dinâmica mais fortes para os conceitos éticos cristãos revolucionários que nos atraem. O que tornou a ética cristã exclusiva não foi o fato de Jesus e os primeiros cristãos serem gente muito boa, fazendo um monte de coisas boas para tornar o mundo um lugar bom para se viver. Essas ideias nunca fizeram sentido para as pessoas até elas entenderem a mensagem cristã sobre a natureza da realidade suprema e que essa mensagem está resumida no que a Bíblia chama de “evangelho”.

A essência do que diferencia o cristianismo das demais religiões e formas de pensamento é: todas as outras religiões dizem que, se quiser encontrar Deus, se quiser se aperfeiçoar, se quiser ter uma consciência mais elevada, se quiser conectar-se com o divino, não importa como ele seja definido, você tem de *fazer* alguma coisa. Tem de reunir suas forças, seguir as regras, libertar a mente para então enchê-la e tem de ficar acima da média. Todas as outras religiões ou filosofias humanas dizem que, se quiser consertar o mundo ou a si mesmo, reúna toda sua razão e força e viva de determinada maneira.

O cristianismo diz exatamente o oposto. Todas as outras religiões e filosofias afirmam: “Você tem de fazer alguma coisa para se conectar com Deus”, enquanto o cristianismo diz: “Não, Jesus veio fazer em seu lugar o que você não podia fazer por si próprio”. Todas as outras religiões dizem: “Eis as respostas para os grandes questionamentos”, ao passo que o cristianismo diz: “Jesus é a resposta para todos eles”. Muitos sistemas de pensamento apelam para pessoas fortes e bem-sucedidas, pois agem diretamente sobre a crença de que, se você for forte e der duro o suficiente, vencerá. Mas cristianismo não é só para os fortes; é para todos, acima de tudo para aqueles que reconhecem que, naquilo que de fato importa, eles são

frágeis. É para as pessoas que têm uma força específica, capaz de reconhecer que suas falhas não são superficiais, que seu coração se encontra em profunda desordem e que são incapazes de se corrigir. É para aqueles que conseguem enxergar a necessidade de um salvador, de Jesus Cristo morrendo na cruz, para reconectá-los com Deus.

Pense no que acabo de escrever. Soa contrário ao senso comum na melhor das hipóteses e desconcertante na pior. A genialidade do cristianismo está justamente no fato de ele *não* ter nada a ver com: “Eis o que você precisa fazer para encontrar Deus”. O cristianismo tem a ver com Deus vindo à terra na forma de Jesus Cristo, morrendo na cruz para encontrar você. *Essa* é a verdade radical, genuína e única com que o cristianismo tem contribuído para o mundo. Todas as outras ideias revolucionárias sobre cuidar dos fracos e necessitados, viver para o amor e o serviço em lugar de buscar o poder e o sucesso, amar sacrificialmente inclusive os inimigos — tudo flui do próprio evangelho. Isto é, devido à profundidade de nosso pecado, Deus veio na pessoa de Jesus Cristo fazer o que não podíamos fazer por nós mesmos: salvar-nos.

Agora lhe pergunto: se você reconhece a fonte de muitas de suas convicções, por que abraçar parte do ensinamento cristão sem aceitar a parte que o explica e o torna coerente? Não seja como Natanael. Não permita que a convicção de que o cristianismo está defasado ou é intelectualmente simplório venha a cegá-lo para o que ele tem a oferecer. Atente para seu orgulho e preconceito. Esteja ciente do desdém e da indiferença. Eles são tóxicos em todos os aspectos da vida, mas acima de tudo neste ponto, quando os questionamentos fundamentais são propostos.

O primeiro aspecto importante da história de Natanael é, então, o problema do orgulho e do desdém. Mas, além disso, apesar do seu deboche, ele demonstra uma profunda necessidade espiritual subjacente. Ele diz: “Pode vir alguma coisa boa de Nazaré?” (v. 46). Contudo, instantes depois apenas, já dizia: “Rabi, tu és o Filho de Deus; tu és o rei de Israel” (v. 49). A partir do momento que Jesus



começa a lhe fornecer evidências confiáveis de quem era, Natanael mais que depressa muda de postura, provavelmente de forma muito rápida. (Como veremos mais adiante, Jesus o repreende de forma branda por não parar para pensar a respeito.) Isso surpreende você? A mim não.

Quando Kathy, minha esposa, e eu nos mudamos para Manhattan, há mais de vinte anos, quisemos começar uma nova igreja. Disseram-nos que a cidade de Nova York era cheia de gente jovem, ambiciosa e brilhante e que, se você começasse uma igreja em Manhattan, ninguém iria porque ali as pessoas se consideram superiores. Desprezavam a religião organizada, explicaram-nos, em especial o cristianismo, o qual, como você há de se lembrar, é de Nazaré. Reviravam os olhos para ele. Por isso ninguém viria. Contudo, por curioso que pareça, não foi o que aconteceu. Hoje a Redeemer conta com mais de cinco mil pessoas que frequentam o culto de domingo com regularidade. É uma comunidade vicejante.

A razão para tudo isso é a mesma pela qual Natanael mudou de postura. Sob as afirmações clamorosas e públicas de ceticismo, havia muita busca espiritual velada. Toda essa gente jovem, ambiciosa e brilhante queria *dar a impressão* de não se preocupar demais em encontrar respostas para os questionamentos fundamentais ou de que já as tinham encontrado em qualquer coisa que estivessem buscando furiosamente. Mas, no fundo, tinham a mesma necessidade que todos nós, da qual nenhum de nós consegue fugir. Precisavam buscar respostas. E muitos as encontraram no cristianismo.

Da mesma forma, apesar de tanta confusão, note que Natanael ainda assim acompanhou Filipe ao encontro com Jesus. Por quê? Como muitos jovens judeus da sua geração, ele lutava com o fato de que os judeus se encontravam sob o jugo de Roma e não tinham ideia do que Deus estava fazendo. Atravessavam uma crise de identidade racial coletiva. Deveriam sair à procura de um messias? Qual seria seu futuro? Continuavam sendo o povo de Deus ou não mais? Deus os rejeitara? É evidente que Natanael não estava

satisfeito com as respostas que obtivera das pessoas. Não devia andar muito feliz com o próprio entendimento das coisas nem, possivelmente, com sua condição espiritual. Por isso pensou: “Talvez eu devesse procurar em Nazaré, por incrível que pareça”.

Os estudantes de hoje lutam de diferentes formas com os grandes questionamentos da vida, mas muitos também se sentem insatisfeitos com as respostas que têm ouvido nas escolas e livros mais respeitados. Como Natanael, podem começar a investigar Jesus sem fazer alarde. Um exemplo clássico desse movimento ocorreu na vida do famoso poeta W. H. Auden, que se mudou para Manhattan em 1939. Na época já um grande escritor, ele abandonara a fé da infância na Igreja Anglicana, como acontecera à maioria dos seus amigos das classes intelectuais britânicas. Após o início da Segunda Guerra Mundial, no entanto, mudou de ideia e abraçou a verdade do cristianismo, chocando muitos ao retornar à igreja.

O que aconteceu? Em seu relato da própria renovação espiritual, Auden observou que a novidade e o choque introduzidos pelos nazistas na década de 1940 foram que eles não fingiam acreditar na justiça e na liberdade para todos; em vez disso, atacavam o cristianismo com a justificativa de que “amar o próximo como a si mesmo foi um mandamento adequado apenas aos fracos afeminados”.<sup>3</sup> Além disso, “a completa negação de tudo que o liberalismo advogara estava suscitando um entusiasmo desenfreado não em uma terra bárbara qualquer, mas em um dos países de mais elevada educação na Europa”. Em vista disso, Auden acreditou não poder continuar supondo que os valores do liberalismo (no que se referia a liberdade, razão, democracia e dignidade humana) dispensassem explicação.

Se estou convencido de que os nazistas de tão elevada educação estão errados e de que nós, ingleses de tão elevada educação, estamos certos, o que valida nossos valores e invalida os deles? Os intelectuais ingleses que agora clamam ao céu contra o mal encarnado em Hitler não têm céu algum ao qual clamar. O pensamento liberal tem se mostrado propenso a minar a fé no

É possível que muita gente não gostasse dele por sua franqueza e por viver pisando nos calos alheios. Jesus, no entanto, mostra-nos algo sobre si mesmo. Ele consegue enxergar nossa essência, mas, mesmo assim, sabe ser gentil conosco. Natanael se surpreende com a percepção de Jesus (talvez também com sua generosidade de espírito) e pergunta: “Como me conheces tão bem?”.

Ao que Jesus replica, como quem não quer nada: “... eu te vi, quando estavas debaixo da figueira” (v. 48). Ora, abrindo um parêntese, um dos motivos pelos quais podemos confiar em que temos aqui o relato de uma testemunha ocular é que em nenhuma outra parte nos explicam o que estava acontecendo sob a figueira nem a importância disso. Um relato fictício não traria esse tipo de informação, pois em nada contribui para o enredo e provoca questionamentos capazes de distrair os leitores. Afinal, o que Natanael fazia debaixo da figueira? Ninguém sabe. Só importa que ele não conseguia acreditar que Jesus soubesse desse fato. Era algo muito pessoal, por isso tão importante, tão impressionante que Jesus soubesse disso e ainda o apoiasse. Portanto, ele diz: “Tu és o rei de Israel! Tu és o Messias!”.

Porém Jesus o repreende com delicadeza: “Ah, primeiro você se mostrou cético demais, agora está pronto para me aceitar; todavia, ainda nem comecei a lhe falar sobre quem de fato sou. Ontem você revirava os olhos, hoje teve uma experiência emotiva. Encontrou um homem dotado de um conhecimento sobrenatural de sua pessoa. Mas calma, não se deixe impressionar em excesso pelas aparências. Na verdade, você ainda não entende quem sou”.

Tomé, discípulo de Jesus, após a ressurreição, diz aos outros discípulos: “Não creerei que ele ressuscitou dos mortos enquanto não vir as marcas dos pregos em suas mãos e passar o dedo nelas”. Ao aparecer para Tomé, Jesus não diz: “Como ousa me questionar?”. Ele convida: “Aqui está, veja. Agora pare de duvidar e comece a crer”. Em outras palavras, Jesus diz: “Gosto do fato de você esperar ter motivos para crer em mim e lhe darei esses motivos porque você os procura de boa-fé”. Jesus não se opõe a que as pessoas pensem.

## O PRESTIGIADO E A MARGINALIZADA

**N**as histórias dos privilegiados e dos marginalizados, a pergunta específica a ser feita é: “O que há de errado no mundo como ele é hoje?”. Isso porque não podemos seguir em frente e começar a falar do que deveríamos fazer para tornar o mundo melhor a menos que compreendamos com clareza o que há de errado com ele. O diagnóstico antecede a prescrição. Creio que encontraremos um conjunto sólido de respostas nos textos que vamos observar a seguir.

No terceiro capítulo do Evangelho de João, Jesus Cristo encontra um líder prestigiado do sistema civil e religioso, de moral elevada; no capítulo seguinte, encontra-se com uma intrusa social, moral e religiosa — uma marginalizada — que por acaso é mulher. Ambos os textos são bastante conhecidos de muitos cristãos porque desenvolvem seus personagens com alguns detalhes e são cheios de diálogos memoráveis. No entanto, é interessante notar que, quando ensinam sobre esses textos, as pessoas sempre tratam ou de um ou do outro, nunca dos dois juntos. Considero isso um erro. Creio haver um motivo para os dois encontros aparecerem um após o outro nesse Evangelho: o autor quer que os consideremos em conjunto. Vistos superficialmente, os dois personagens parecem muito diferentes, e suas circunstâncias são tão díspares que, à primeira vista, tem-se a impressão de que não poderiam ter nada a ver um com o outro. Todavia, o autor nos leva a indagar: por diferentes que sejam o privilegiado e a marginalizada, o que eles têm

Então, o que Jesus está dizendo a essa marginalizada? O seguinte: “Tenho algo para você que lhe é tão básico e necessário para o *espírito* quanto a água para o *físico*. Algo sem o qual você estará completamente perdida”.

Mas a metáfora da água viva significa mais ainda. Jesus não está apenas dizendo que tem a oferecer algo que nos salva a vida; ele também está revelando que sua oferta satisfaz *por dentro*. Ele diz: “Minha água, se você a obtiver, haverá de se tornar uma fonte de águas em você jorrando para a vida eterna”. Ele está falando da profunda satisfação da alma, da satisfação e da alegria incríveis que não dependem do que acontece em nosso exterior. Por isso lhe pergunto: o que o faz feliz? O que é capaz de lhe dar uma vida de real satisfação? Invariavelmente você responderá pensando em algo que lhe é externo. Alguns de nós têm a esperança firmada no amor romântico, outros na carreira profissional, alguns na política ou em uma causa social e alguns no dinheiro e nos benefícios que ele traz. Mas o que quer que o faça dizer: “Se eu tiver tal coisa, se eu chegar lá, então saberei que sou importante, então saberei que tenho significado, então saberei que tenho segurança”, provavelmente é algo exterior a você. Entretanto, Jesus diz que não há nada fora de você capaz de satisfazer de verdade a sede existente no fundo do seu interior. Para continuar um pouco mais com a metáfora, você não precisa de água respingada no rosto, mas, sim, da água que vem de um lugar em você ainda mais profundo que a própria sede. E Jesus declara: “Posso dá-la para você. Posso colocá-la dentro de você. Posso lhe oferecer satisfação absoluta e incomensurável no âmago do seu ser, independentemente do que acontece do lado de fora e das circunstâncias”.

Alguma coisa nos impede de ouvir o que Jesus está falando, e acredito que seja o fato de a maioria de nós não ser capaz de reconhecer a sede da nossa alma pelo que ela é. Enquanto acredita haver uma probabilidade muito boa de concretizar alguns dos seus sonhos, enquanto acha que ainda pode ter sucesso, você experimenta seu vazio interior como um “impulso” e sua ansiedade como

— Nós adoramos neste templo aqui, e os judeus adoram no templo em Jerusalém. Quem está certo?.

Nos versículos 21 a 24, Jesus responde com um parágrafo extraordinário que poderia ser resumido assim:

— Está chegando a hora em que não haverá a menor necessidade de um templo físico para se ter acesso a Deus.

Impressionada, ela responde:

— Quando o Messias vier, explicará todas essas coisas para nós.

Finalmente, Jesus solta a bomba:

— Sou eu, o que está falando contigo (Jo 4.26).

Retornemos agora ao encontro que Jesus teve antes desse com a marginalizada. Em João 3, ele se encontra com um homem muito importante, um fariseu, líder religioso e civil.

Havia entre os fariseus um homem chamado Nicodemos, autoridade entre os judeus. Ele foi encontrar-se de noite com Jesus e disse-lhe: Rabi, sabemos que és Mestre vindo de Deus, pois ninguém pode fazer os sinais que tu fazes, se Deus não estiver nele. Jesus lhe respondeu: Em verdade, em verdade te digo que ninguém pode ver o reino de Deus se não nascer de novo. Então lhe perguntou Nicodemos: Como um homem velho pode nascer? Poderá entrar no ventre de sua mãe e nascer pela segunda vez? Jesus respondeu: Em verdade, em verdade te digo que, se alguém não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus. O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito. Não te admires de eu te dizer: Necessário vos é nascer de novo (Jo 3.1-7).

Notou que aqui acontece quase o oposto de como Jesus tratou a mulher junto ao poço? Ele começou muito afável com ela, surpreendendo-a por se mostrar tão acessível, e então, pouco a pouco, confrontou-a com a necessidade espiritual que ela tinha. Em seu encontro com esse homem prestigiado, no entanto, Jesus é mais vigoroso e direto. Nicodemos começa com cortesia:

até em uma boa universidade com grande sacrifício pessoal, pois são escassos os seus recursos. Enquanto tudo isso acontece, ela diz: “Filho, quero que você tenha uma vida correta. Quero que sempre diga a verdade, sempre trabalhe muito e cuide dos pobres”. Depois de formado na faculdade, o rapaz parte para seguir sua profissão e vida e nunca fala com a mãe ou passa tempo com ela. Ah, pode ser que lhe mande um cartão no aniversário, mas nunca telefona nem a visita. Se você lhe perguntasse sobre seu relacionamento com ela, o rapaz responderia: “Não, não tenho nada que ver com ela pessoalmente. Mas sempre digo a verdade, trabalho duro e cuido dos pobres. Tenho vivido de forma correta; isso é tudo o que importa, não?”.

Duvido que você se desse por satisfeito com essa resposta. Não basta ele levar uma vida moral correta como desejava sua mãe sem manter nenhum tipo de relacionamento com ela. O comportamento dele é condenável porque, na verdade, ela lhe dera tudo que tinha. Mais do que apenas uma vida correta, o filho lhe deve seu amor e lealdade.

Se existe um Deus, você também lhe deve literalmente tudo. Se existe um Deus, você lhe deve muito mais do que uma vida decente no sentido moral. Ele merece ocupar o centro de sua vida. Mesmo que seja alguém bom, caso não permita Deus ser Deus em sua vida, você é tão culpado por pecar quanto Nicodemos e a mulher samaritana. Você está sendo seu próprio salvador e senhor.

Qual a solução? Precisamos parar de recorrer a falsas formas de salvação, aos pseudossalvadores. Se edificar sua vida em cima de uma carreira profissional, ou do cônjuge, ou do dinheiro, ou da moral, e eles fracassarem, não haverá esperança para você. Sabe por quê? Porque todos os outros salvadores exceto Jesus Cristo não são de fato salvadores. Se sua carreira fracassar, ela não o perdoará. Ela simplesmente o punirá com desprezo próprio e vergonha. Jesus é o único salvador que o satisfará, caso você o abrace, e que o perdoará, caso você falhe com ele. Sua carreira e seu desempenho moral, ao contrário, não podem morrer por seus pecados.

Chegando, pois, Jesus, viu que Lázaro estava sepultado já havia quatro dias. Betânia ficava a uma distância de quinze estádios de Jerusalém. E muitos judeus haviam ido visitar Marta e Maria, para consolá-las pela perda do irmão. Ao saber que Jesus estava chegando, Marta foi ao seu encontro; Maria, porém, ficou sentada em casa. E Marta disse a Jesus: Senhor, se estivesses aqui, meu irmão não teria morrido. Mas sei que, mesmo agora, Deus te concederá tudo quanto lhe pedires. Jesus lhe respondeu: Teu irmão ressuscitará. Disse-lhe Marta: Sei que ele ressuscitará na ressurreição, no último dia. Jesus declarou: Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, mesmo que morra, viverá; e todo aquele que vive, e crê em mim, jamais morrerá. Crês nisso? Respondeu-lhe Marta: Sim, Senhor, eu creio que tu és o Cristo, o Filho de Deus que devia vir ao mundo. Dito isso, ela se retirou e, chamando sua irmã Maria em particular, disse-lhe: O Mestre está aqui e te chama. Ouvindo isso, Maria levantou-se depressa e foi ao encontro dele. Pois Jesus ainda não havia entrado no povoado, mas estava onde Marta o encontrara. Então os judeus que estavam na casa com Maria e a consolavam, vendo-a levantar-se às pressas e sair, seguiram-na, pensando que se dirigia ao sepulcro para ali chorar. Ao chegar ao lugar onde Jesus estava e vê-lo, Maria lançou-se aos seus pés e disse: Senhor, se estivesses aqui, meu irmão não teria morrido. Ao vê-la chorando, e também os judeus que a acompanhavam, Jesus comoveu-se profundamente no espírito e, abalado, perguntou-lhes: Onde o pusestes? Responderam-lhe: Senhor, vem e vê. Jesus chorou. Então os judeus disseram: Vede como o amava (Jo 11.17-36).

Marta se aproxima de Jesus e diz: “Senhor, se estivesses aqui, meu irmão não teria morrido”. Instantes apenas mais tarde, Maria sai e diz a mesma coisa, palavra por palavra. Duas irmãs, a mesma situação, as mesmas palavras exatas. Surpreende, no entanto, constatar que as respostas de Jesus são nitidamente diferentes. Quando Marta fala, ele quase dá início a uma discussão. A mensagem dela é: “Chegaste tarde demais”. Por sua vez, ele responde: “Eu sou a ressurreição e a vida! Comigo, nunca é tarde



“Como crer na confiabilidade histórica dos relatos neotestamentários?”, alega essa objeção. “Como saber que ele de fato existiu e ainda por cima fez declarações de divindade? A ideia de Jesus como Filho divino de Deus não se desenvolveu só muitos anos após sua morte?”. Na verdade, temos boas evidências da existência e vida de Jesus a partir de documentos históricos sem ser a Bíblia. Há também bastante material erudito defendendo a tese convincente de que os Evangelhos não são tradição oral recheada de mitos, mas um *registro histórico* oral, baseado em relatos de testemunhas oculares. Além do mais, as evidências das afirmações de divindade de Jesus vão muito além dos relatos dos Evangelhos em si. As evidências históricas indicam que nunca houve nenhum debate ou época em que os cristãos não cressem que Jesus era Deus. Na carta de Paulo aos filipenses, por exemplo, escrita apenas duas décadas após a morte de Jesus, há um antigo hino cristão — provavelmente mais velho que a própria carta — em adoração à divindade de Cristo (Fp 2.5-11). Isso significa que a crença na identidade divina de Jesus não se desenvolveu muito depois de sua morte, mas baseava-se em seus ensinamentos e era a regra na comunidade cristã desde o início.<sup>1</sup> Portanto, o esforço de fugir ao trilema não subsiste.

Ao constatar que não conseguem escapar ao trilema, as pessoas partem então para uma das opções que ele oferece: “Está bem, vou fingir que concordo. Mas por que Jesus não poderia ter sido uma fraude consciente? Só porque era um mestre brilhante não significa que não fosse também um enganador”. Todavia, aqui é importante recordar que todos os primeiros seguidores de Jesus eram judeus e que os judeus do primeiro século tinham uma visão de Deus tão transcendentemente elevada que se recusavam até mesmo a escrever ou pronunciar o nome dele. Qualquer sugestão de que Deus pudesse tornar-se um ser humano de carne e osso e frágil seria violentamente condenada. Isso quer dizer, primeiro, que a ideia de um Deus-homem jamais teria ocorrido a homens e mulheres judeus, por mais elevada a consideração que tivessem por seu líder. Quer dizer também, em segundo lugar, que nenhum charlatão tentaria

absoluto tem de mergulhar em nossa fraqueza? Vejamos a última parte do relato das irmãs enlutadas.

Jesus, comovendo-se profundamente outra vez, foi ao sepulcro, que era uma gruta com uma pedra na entrada. E disse: Tirai a pedra. Então Marta, irmã do morto, disse-lhe: Senhor, ele já cheira mal, porque já faz quatro dias. Jesus lhe respondeu: Não te disse que, se creres, verás a glória de Deus? Então tiraram a pedra. E Jesus, levantando os olhos ao céu, disse: Pai, graças te dou, porque me ouviste. Eu sei que sempre me ouves; mas por causa da multidão que está aqui é que assim falei, para que creiam que me enviaste. E, tendo dito isso, exclamou em alta voz: Lázaro, vem para fora! O que estivera morto saiu, com os pés e as mãos atados com faixas, e o rosto envolto num pano. E Jesus lhes disse: Desatai-o e deixai-o ir (Jo 11.38-44).

Fico frustrado com quase todas as traduções inglesas do versículo 38. Lemos que “Jesus, comovendo-se profundamente outra vez, foi ao sepulcro”. Mas o versículo contém um termo grego que significa “urrar de raiva”. Por alguma razão, nenhum tradutor se sentiu livre para expressar o que todo comentarista e especialista em grego afirmam que o texto diz. Jesus ficou furioso. Ele urra de raiva, vocifera. Com quem ou com o que ele está bravo? Não há nenhum indício de que seja com a família. Então com o quê?

Dylan Thomas tinha razão: “Não mergulhe gentilmente nessa boa noite; raiva, raiva contra a morte da luz”. Jesus se enche de fúria contra a *morte*. Ele não diz: “Olhe, habitue-se a ela e ponto final. Todo o mundo morre. Assim é o mundo. Conforme-se”. Não, ele não faz isso. Jesus olha firme para nosso maior pesadelo — o fim da vida, a perda dos entes queridos e do amor — e se exaspera. Fica louco com o mal e o sofrimento, e, mesmo sendo Deus, não fica louco consigo mesmo. O que isso significa?

Primeiro, significa que o mal e a morte são resultado do pecado, e não o desígnio original de Deus. Ele não criou um mundo repleto de enfermidades, sofrimento e morte. Mas você pode perguntar: se

<sup>1</sup> Talvez o melhor livro para ler que cubra essas questões seja o de Richard Bauckham, *Jesus: a very short introduction* (Oxford, 2011). Bauckham faz um resumo dos trabalhos eruditos que sustentam cada um desses fatos: os Evangelhos são relatos confiáveis de testemunhas oculares, Jesus se entendia como divino e afirmava ser Deus, e a igreja cristã primitiva o adorou como tal de imediato. Em sua biografia, ele fornece vasto material de outras fontes. Uma delas, escrita pelo próprio Bauckham, é *Jesus and the eyewitnesses* [edição em português: *Jesus e as testemunhas oculares* (São Paulo: Paulus, 2011)] e a outra é a de Paul Barnett, *Finding the historical Christ* (Eerdmans, 2009).

<sup>2</sup> Veja Richard Bauckham, “The worship of Jesus in early Christianity”, in: *Jesus and the God of Israel* (Eerdmans, 2009). Veja também Simon Gathercole, *The preexistent Son of God: recovering the Christologies of Matthew, Mark, and Luke* (Eerdmans, 2006).

<sup>3</sup> John Gerstner, *Theology for everyman* (Moody, 1965), p. 45.

constrangimento social. Mesmo assim, apesar de toda a vergonha que a noiva e o noivo devem ter experimentado, não se tratava de uma situação de vida ou morte, portanto é possível sentir a força do questionamento de Price. O que esse gesto significou acerca do que Jesus veio fazer no mundo?

Primeiro, olhemos para o que Jesus trouxe a essa situação (e à nossa vida). No versículo 9, somos apresentados ao “responsável pela festa”. Ele era basicamente um mestre de cerimônias, um coordenador. Sua função consistia em convocar as pessoas para celebrarem e certificar-se de que as condições dessa celebração estivessem todas em ordem. Ou seja: cabia a ele fazer uma grande festa. Quando Jesus transforma a água em vinho e salva o dia, você entende o que ele está dizendo? De certa forma, é como se afirmasse:

— *Eu* sou o verdadeiro mestre de cerimônias do banquete. Eu sou o Senhor da Festa.

— Espere — alguém protesta. — Pensei que ele tivesse vindo para se humilhar, abrir mão da própria glória, em seguida ser rejeitado e ir para a cruz.

Tem razão, claro, mas, em certo sentido, Jesus está incluindo até essas perdas e sofrimentos terríveis no contexto.

— Sim — ele está dizendo — vou sofrer. — Sim, negarei a mim mesmo. Sim, haverá sacrifício; da minha parte primeiro e depois também da parte dos meus seguidores. Mas tudo isso é um meio para se atingir um fim: a alegria festiva! Tudo com o intuito de produzir ressurreição, novos céus e nova terra. O fim de todo mal, da morte e das lágrimas. Vocês conhecem as lendas dionisíacas da floresta em que jorram o vinho, a dança e a música? Isso não é nada comparado com a festa eterna que haverá no fim da história. E quem crer em mim terá em seu interior um rio dessa alegria, terá uma antecipação desta alegria, hoje. Amostra que terá profundo efeito consolador e refrescante nos momentos mais duros e áridos — como água viva. É o que vim trazer, em última análise. Eis o motivo de ser este o meu primeiro sinal”.

nunca aguentou quinze *rounds* contra o Creed. Se aguentar os quinze, e o sino soar, e eu continuar de pé, então vou saber que eu não era só mais um vagabundo do bairro.

No seu caso, proponho o seguinte: um dos motivos pelos quais você acalenta todos esses sonhos de trabalhar muito para parecer bem, se sair bem e alcançar coisas é por estar tentando provar para si mesmo e para todo o mundo, até para quem talvez nem esteja mais por perto, que não é um vagabundo.

Ou lembre-se de Harold Abrahams, do filme *Carruagens de fogo*. O que o levava a ser o melhor na corrida de cem metros? Pouco antes da última delas, Harold afirma: “Vou erguer os olhos e ver toda a extensão do corredor [...] Serão dez segundos solitários para justificar toda a minha existência”. Ele está apenas sendo sincero acerca de algo que muitos de nós não querem enfrentar com sinceridade. Não queremos só nos dar bem. Não queremos só contribuir com a sociedade. Não queremos só deixar nossa marca. No fundo, sentimos — na verdade até sabemos — que de alguma forma somos vagabundos. Outro modo de dizer a mesma coisa, se preferir uma imagem bíblica, é voltando a Gênesis, quando Adão e Eva comem a maçã, afastam-se de Deus e se sentem nus na mesma hora. Eles percebem que precisam se cobrir, que não podem deixar nem o próprio Deus ver como eles são. Então colocam folhas de figueira sobre o corpo. Considere a possibilidade de seu sucesso na vida ser apenas uma grande folha de figueira. Considere o fato de que, no fim, ela nunca será suficiente para cobrir o que sabe estar errado com você.

Tenho plena convicção de que sabemos da nossa necessidade de ser lavados, inclusive aqueles entre nós que tanto se incomodam com a ideia do pecado. É desagradável expressar isso de forma tão enfática, mas há mais egocentrismo e pecado em nós do que desejamos acreditar. Há muita coisa que você preferiria negar, teológica e filosoficamente. Ah, você diz: “Sou humanista, não creio que os seres humanos sejam inerentemente maus”. Mas, se já viveu

simbolismo. O milagre será um sinal do que ele veio fazer. Na cabeça dele, o que o vinho representa? O que falta na cena e é necessário para transformar vergonha em alegria? Sabemos que é o vinho, porque ele cria o vinho nas talhas reservadas à purificação e limpeza.

Entenda bem, Jesus faz essa declaração enigmática como se enxergasse muito longe, além de sua mãe, da noiva e do noivo, além até de toda a cena do casamento. Ele enxerga outra coisa. Pensa: “Sim, posso trazer alegria festiva a este mundo; posso purificar a humanidade da culpa e da vergonha. Vim ao mundo trazer alegria, mas, ó, minha mãe. Terei de morrer para isso”.

Na verdade, acho que pode haver mais do que isso passando por sua cabeça. No Antigo Testamento, Deus deseja nos mostrar que ele não quer se relacionar conosco apenas como um rei se relaciona com os súditos, mas como um noivo se relaciona com sua noiva. Quer um relacionamento de amor conosco, tão profundo quanto o relacionamento entre marido e mulher. Com frequência, nas Escrituras hebraicas, Deus se apresenta como noivo de seu povo. Em determinado momento do Evangelho de João, no Novo Testamento, os discípulos são criticados por não jejuarem, e Jesus questiona: “... Acaso os convidados para o casamento podem jejuar enquanto o noivo está com eles...?” (Mc 2.19). Viu isso? Jesus chama a si mesmo de noivo! Faz isso tendo plena consciência de que, conforme as Escrituras, só o Criador, o Deus do universo, é marido de seu povo. Como escritor, João desenvolve bastante esse tema; no livro do Apocalipse, o último do Novo Testamento, ele descreve o fim de todas as coisas da seguinte maneira: “Vi a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, enfeitada como uma noiva preparada para seu noivo” (Ap 21.2). “E me disse: Escreve: Bem-aventurados os que são chamados à ceia das núpcias do Cordeiro!...” (v. 19.9). Em outras palavras, no fim dos tempos haverá uma festa para encerrar todas as festas. Não será um simples banquete genérico, mas uma festa de casamento celebrando enfim a união íntima e permanente de pessoas que se amam. E assim

aqui embaixo e comentar: “Vejam só vocês, arruinando a vida uns dos outros, destruindo minha criação, destruindo uns aos outros. Vou simplesmente deixar passar”. Deus não pode fazer a dívida desaparecer por força de um desejo, e não porque não o ame o suficiente. Na verdade, é justamente o contrário. Deus é tão santo que teve de vir na forma de Jesus Cristo e morrer para pagar a dívida, mas é tão amoroso que ficou feliz em vir e morrer por você.

Agora quero lhe propor a seguinte pergunta: o que há de ofensivo na ideia do sacrifício substitutivo? O que há de errado na essência desse conceito? Na minha opinião, nada. Não existe história mais emocionante do que a de alguém que abre mão voluntariamente de alguma coisa de vital importância em prol de outros. Não há alegria que enteneça mais o coração do que saber que alguém se sacrificou por você. Em *A tale of two cities*,<sup>8</sup> Sydney Carton e Charles Darnay amam a mesma mulher, mas ela se casa com Charles. No fim do livro, Charles é preso e atirado em um calabouço. Sua execução é marcada para o dia seguinte. Ele tem uma esposa e um filho, mas morrerá em 24 horas. Sydney, que se parece bastante com Charles, entra sorrateiro na prisão e, com um golpe, deixa o rival inconsciente. Faz então com que amigos o levem para um lugar seguro, veste as roupas do outro e fica ali para morrer em seu lugar.

Mais à frente, somos apresentados a uma frágil costureira, também encarcerada, a caminho da guilhotina. Ela se aproxima do homem que pensa ser Charles e lhe pede que a conforte, até constatar que não é ele. Seus olhos se arregalam e ela sussurra:

— Você vai morrer por ele?

Fazendo-a calar-se, o homem responde:

— E pela esposa e filho dele.

Tendo lhe pedido anteriormente que a confortasse, ela suplica de novo:

— Ah, estranho, você me deixaria segurar essa mão valente?

Ela se sente aquecida do frio e fortalecida contra a morte pela simples ideia do sacrifício substitutivo que nem era para ela. Como sua vida seria transformada se você passasse a crer que Jesus Cristo

## O PRIMEIRO CRISTÃO

**N**o capítulo anterior, vimos como Jesus conserta o que deu errado com o mundo. Agora veremos como devemos reagir ao que ele fez, o que nos coloca diante do aspecto mais fundamental do relacionamento com Cristo: a fé. Seja para onde for que nos voltemos na Bíblia, lemos que todos os discernimentos, dons e consolações que Deus pode nos dar por intermédio de Cristo nos chegam pela fé. No entanto, há uma grande confusão acerca até mesmo do significado da fé cristã. Para compreender melhor esse conceito crucial, vamos dar uma olhada em outro encontro de Jesus Cristo narrado no Evangelho de João:

No primeiro dia da semana, estando ainda escuro, Maria Madalena foi ao sepulcro de madrugada e viu que a pedra havia sido removida. Então, correu ao encontro de Simão Pedro e do outro discípulo, a quem Jesus amava, e disse-lhes: Tiraram do sepulcro o Senhor, e não sabemos onde o puseram. Então Pedro e o outro discípulo saíram e foram ao sepulcro. E os dois corriam juntos, mas o outro discípulo correu mais depressa do que Pedro e chegou primeiro. Abaixando-se, viu os panos de linho deixados ali, mas não entrou. Chegando Simão Pedro, que o seguia, entrou no sepulcro e viu os panos de linho deixados ali. Viu também que o lenço, que fora colocado sobre a cabeça de Jesus, não estava com os panos, mas dobrado em lugar à parte. Então o outro discípulo, que chegara primeiro ao sepulcro, também entrou, viu e creu. Porque



vida. Quem consegue se declarar objetivo e neutro acerca *dessa* proposição? Thomas Nagel reconhece isso com toda sinceridade. Sabe que não pode dizer: “Sou absolutamente objetivo e indiferente ao procurar evidências de Deus, apenas não as tenho em quantidade suficiente”. Espero que você perceba ser impossível alguém fazer tal afirmação com integridade. Todos temos camadas profundas de preconceito operando contra a ideia de um Deus santo capaz de nos fazer grandes exigências. Se não reconhecer isso, você jamais se aproximará da objetividade. Jamais.

Digamos que você é juiz e de repente lhe apresentam um caso envolvendo uma empresa da qual você possui ações. O veredito terá um impacto enorme no preço dessas ações. Será que lhe permitiriam, ou você mesmo se permitiria, atuar no caso? Não, porque não conseguiria ser objetivo sabendo que, se a decisão pendesse para determinado caminho, você perderia todo o seu dinheiro. Portanto, a lei requer que você se declare incompetente para julgar o caso. Este é o problema: com o cristianismo, estamos todos nessa exata posição. No momento de decidir se as afirmações que ele faz estão certas ou erradas, você tem ao menos algum interesse pessoal em que estejam erradas. Contudo, não pode se declarar incompetente; só lhe resta procurar as evidências. Assim, gostaria de sugerir algumas maneiras de lidar com o dilema.

Antes de mais nada, duvide de suas dúvidas. Seja cético acerca do próprio ceticismo. Por quê? Porque você precisa perceber que não é totalmente objetivo. Quem sabe você tenha um pai ou uma mãe bastante religiosos de quem não gosta muito. Ou pode ser que você tenha tido uma experiência ruim com um grupo incoerente e insensível de cristãos. Além disso, como observamos, poucas pessoas são capazes de considerar a possibilidade de abrir mão da liberdade sem um certo preconceito contra a ideia. Você receia que as declarações do cristianismo sejam verdadeiras — tudo bem. Se formos sinceros, todos nós receamos. Você nunca será imparcial em relação às evidências se não admitir ser impossível atingir a imparcialidade perfeita. Então o que deve fazer em relação a isso?

embora essas culturas antigas não defendessem a ideia de que os milagres em geral não pudessem acontecer, a ressurreição era tão implausível e inimaginável para elas quanto para a maioria das pessoas hoje.

Proponho-lhe então a seguinte questão: se você é um típico habitante do mundo moderno, compartilha de uma cosmovisão que insiste em que a ressurreição do corpo de um homem morto de verdade, com suas feridas fatais ainda visíveis, é simplesmente impossível. Agora imagine que tipo de evidência *você* necessitaria ter para acabar com suas dúvidas e derrubar sua arrogância em relação a esse acontecimento. De que tipo de evidência você precisaria para crer que Jesus Cristo é o Filho de Deus, ressurreto dentre os mortos? Qualquer que seja essa evidência, você pode chegar à conclusão razoável de que os discípulos devem ter encontrado algo parecido. E, se foi isso que aconteceu, a evidência que os convenceu e os levou à fé poderia ser suficiente para convencer você também.

Ou mesmo para fortalecer sua fé, caso você já seja cristão. Experimentei isso quando tive câncer na tireoide, há cerca de dez anos. Recuperei-me por completo, mas, é claro, viver à sombra do câncer, sem saber como as coisas se desenrolarão, é uma experiência traumática. A partir do momento que lhe anunciam que está com câncer, mesmo quando dizem ser bem provável que você se recupere, tudo faz com que sua mente se concentre de forma maravilhosa no significado da vida. Passei um mês sem fazer nada e sem ir a lugar algum enquanto me recuperava. Na verdade, estive em quarentena devido a todo o iodo radioativo no meu corpo, de modo que pela primeira vez (e acho que também a última) em uns trinta anos fiquei sem ter o que fazer. Por isso, resolvi sentar-me e ler o livro de 890 páginas de N. T. Wright, incluindo as notas de rodapé, e foi surpreendente. É claro que eu já cria na ressurreição antes disso — fundamentara minha vida e carreira sobre ela. É claro que a vida, a morte e a ressurreição de Jesus eram presenças constantes aos olhos da minha imaginação. Mas o que me surpreendeu foi a maneira como essa reunião ordenada de evidências elevou minha fé

a descobrir e abraçar a verdade de coração. As perguntas de Jesus têm sentido semelhante. “Por que choras?” na verdade é uma leve reprimenda, um chamado ao despertar. “A quem procuras?”, como escreve o comentarista D. A. Carson sobre esse versículo, expressa um convite mais penetrante “à ampliação dos seus horizontes e ao reconhecimento, por maior que fosse sua devoção a ele, de que a ideia que fazia dele ainda era limitada demais”.<sup>3</sup>

Observe, no entanto, que Maria entende as perguntas de Jesus de maneira errada. Toma-o pelo zelador do lugar e pensa que talvez ele saiba para onde levaram o corpo do seu Senhor. Jesus então faz mais um esforço para abrir caminho até seu coração, e o faz com uma única palavra. Antes, no mesmo Evangelho, ele se dissera o bom pastor, que “chama [as ovelhas] pelo nome” e “elas o seguem, pois conhecem a sua voz” (Jo 10.3,4). É o que ele faz aqui, dizendo apenas: “Maria!”. A verdadeira fé sempre é pessoal. Se você crê somente que Jesus morreu para perdoar os pecados das pessoas *em geral* — mas não acredita que ele morreu por *você* —, não está tomando posse de Jesus pela fé. Nunca o ouviu chamá-lo pelo nome.

A amabilidade de Jesus é palpável. Maria corre em círculos feito louca, mas (como ele sugere) procura pelo Jesus errado. Pelo Jesus morto. Por um Jesus infinitamente menos grandioso do que ele de fato é. Por isso ela jamais o teria encontrado se ele não a buscasse. Ele vai até ela, trabalha com delicadeza para lhe abrir o coração e rompe afinal a barreira ao lhe dirigir a palavra de modo pessoal. A fé de Maria vem pela graça; ela nada faz para merecê-la.

Mas aprendemos ainda mais aqui sobre o relacionamento entre graça e fé. No momento em que Maria percebe que Jesus está vivo, ele a despede com a mensagem: “... vai a meus irmãos e dize-lhes...”, e, em certo sentido, ela se torna a primeira cristã. Por quê? Bem, o que é um cristão? Aquele que crê na morte e ressurreição de Jesus dentre os mortos. Aquele que teve um encontro com o Cristo ressurreto. E, nesse momento, Maria é a única pessoa no mundo para quem tudo isso é verdade.

encarnação, por exemplo, Jesus não teria se tornado humano nem levado sobre si nosso castigo. A crucificação implica a existência de uma solução para a culpa, um perdão para o pecado. A ressurreição significa que um dia receberemos corpos novos a sinalizar nosso triunfo sobre a morte. Todos esses grandes e milagrosos acontecimentos da vida de Jesus são evidentemente cruciais e foram por nós considerados de alguma forma nos capítulos anteriores. Nas páginas seguintes, examinaremos alguns incidentes menos conhecidos que nos levam ainda mais fundo no que Jesus fez para nos salvar. Ele vence o mal por nós [capítulo 6], intercede por nós [capítulo 7], obedece perfeitamente por nós [capítulo 8], deixa a terra para reinar por nós [capítulo 9] e deixa o céu para morrer por nós [capítulo 10].)

Vejam primeiro como a vida pública de Jesus se iniciou. Dois acontecimentos consecutivos prepararam-no para a carreira mais revolucionária de toda a história. Em três dos quatro Evangelhos, esses incidentes — o batismo de Jesus e a subsequente tentação por Satanás no deserto — são apresentados juntos, e creio que por um bom motivo.

Aqui está o relato de Mateus, capítulos 3 e 4:

Então Jesus foi da Galileia para o Jordão, para ser batizado por João. Mas João tentou impedi-lo, dizendo: Tu vens a mim? Eu é que preciso ser batizado por ti. E Jesus lhe respondeu: Deixa por enquanto; porque assim nos convém cumprir toda a justiça. Então João consentiu. Depois de batizado, Jesus saiu logo da água. E viu o céu se abrir e o Espírito de Deus descer como uma pomba, vindo sobre ele. E uma voz do céu disse: Este é o meu Filho amado, de quem me agrado.

Então Jesus foi conduzido pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo Diabo. E, depois de jejuar quarenta dias e quarenta noites, sentiu fome. Então o tentador aproximou--se dele e disse: Se tu és Filho de Deus, ordena que estas pedras se transformem em pães. Mas Jesus lhe respondeu: Está escrito: Nem só de pão o homem viverá, mas de toda palavra que sai da boca de Deus. Então